

4

A temática do Reino de Deus na América Latina a partir de Leonardo Boff

O ser humano, mergulhado no conhecimento experiencial da concepção de Reino de Deus em Leonardo Boff, é convidado a contemplar diversas dimensões da vida humana. Isto é devido nosso teólogo ter uma visão global, ao mesmo tempo muito próxima do evento Jesus Cristo. Suas palavras deixam entrever que seu ponto de partida é a experiência acontecida na história, e não um saber abstrato ou virtual. Experiência que tem como direção à vida humana em sua integralidade, a vida do mundo e do cosmos, cujo horizonte último de todas as realidades é o Deus de Jesus.

Bem contextualizado em seu continente de origem, América Latina, onde o povo é marcado pela marginalização e esperança de libertação, daí que o surgimento da ética da libertação se interessar pelo conteúdo da ação solidária em favor dos oprimidos, a teologia de Boff se apresenta como uma teologia da esperança, seus escritos transpira e aspira à vida do Reino de Deus. Na obra em estudo, o Reino de Deus é compreendido como a total realização e a absoluta esperança para a pessoa, o mundo e o cosmos.

Nesta importante obra de base cristológica, “orientada na Tradição autêntica, questionada e questionante a respeito do homem moderno”²²⁴ nosso autor deixa claro quem é o Homem de Nazaré, “Jesus é o *homo revelatus*. Por isso é o futuro já antecipado dentro do presente, o fim já se manifestando dentro do meio e do caminho”²²⁵. Isto significa que os tempos, passado, presente e futuro, são unificados; Ele é o ontem, o hoje e o amanhã. O método que Boff utiliza é de uma hermenêutica bíblica inspirada na realidade latino-americana, berço da Teologia da Libertação, pois “nosso céu possui outras estrelas formando outras figuras do zodíaco, com as quais nos orientamos na aventura da fé e da vida”²²⁶. O que significa que sua hermenêutica parte do caminho da experiência humana, em todas suas dimensões, e reinterpreta o que experimenta, em termos bíblicos.

²²⁴ ROMER, Karl Josef. Apreciações: Jesus Cristo Libertador. In: *REB*. Vol. 32/126. Petrópolis, Vozes, 1972, p. 493.

²²⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 255. Grifo do próprio autor.

²²⁶ *Ibid.*, p. 57.

A construção da teologia de Boff sobre o Reino de Deus alerta para as tentações de reduzir o Reino à dimensão espiritual, criando ídolos ou divindade desencarnada ou de reduzi-lo à dimensão social, criando um mundo sem Deus, o que só fizeram distanciar a humanidade do que seja o Reino de Deus. Urge buscar um entrelaçamento harmonioso do espiritual com o social, deixando Deus ser Deus e a pessoa humana viver sua vocação à vida. Daí a tarefa de dar atenção nem tanto ao céu nem tanto a terra, pois o céu começa na terra²²⁷. A esperança escatológica nos reporta para o além da história; por outro lado, na perspectiva da situação latino-americana, nos conduz para uma postura que deve ser de solidariedade, justiça, amor, perdão, em sua horizontalização. O vertical eleva, busca a fonte; o horizontal abraça, busca o agir concreto; eles se convergem.

Ainda que o ser humano se sente mais fortemente atingido pela realidade histórica que acontece no tempo cronológico experimenta também, em seu ser limitado histórico, que há uma realidade maior, um futuro com sentido para a vida. Estes dois tempos atuam, conjuntamente, na história humana, um tempo que nos divide por dentro e por fora.

Quando se pensa e se reflete sobre a dimensão temporal do Reino de Deus, enquanto sinal que aponta para uma realidade que ultrapassa a nossa condição de pessoas humanas e limitadas, pelo tempo que nos envolve e pelo espaço que nos circunda, irrompe a tensão escatológica, porque nos sentimos divididos, interiormente e exteriormente²²⁸.

A plenitude escatológica começa onde Deus se expressa e o ser humano o acolhe, o tempo Cronos se une ao tempo Kairós. A pregação de Jesus, "Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo"²²⁹ é o kairós que se cumpre, e não uma data fixada de antemão.

O anúncio de Jesus tem declarações tanto futuras como presentes sobre o Reino de Deus. Nosso objetivo neste capítulo é nos concentrarmos mais no aspecto futuro. Sem negar o que já explicitamos: o Reino é ao mesmo tempo presente e futuro.

Nos capítulos anteriores construímos as colunas e as paredes de nosso conhecimento, no primeiro e segundo capítulos respectivamente, através da

²²⁷ Cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, pp. 30-32.

²²⁸ BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena*, p. 82.

²²⁹ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 135.

experiência sobre o Reino de Deus que aponta para a vida. Queremos, agora, continuar nossa construção abrindo algumas janelas. Isto porque a teologia de Leonardo Boff amplia nosso olhar, descortina horizontes, ilumina o conhecimento adquirido e o coração, sem esquecer o alicerce: o Jesus histórico e o Cristo da fé.

Existe, pois uma continuidade na cristologia, como se dá também uma continuidade entre o Jesus histórico e o Cristo da fé, porque Aquele que morreu e foi sepultado é o mesmo que ressuscitou. O que no tempo do Jesus histórico era latente e implícito tornou-se com a ressurreição patente e explícito²³⁰.

A teologia de Boff é ampla e aberta ao diálogo com outros saberes da vida, daí que por ela mesma, podemos contemplar outras realidades, erguer janelas. Na sociedade contemporânea que prima por ser sujeito de sua própria história, e questiona a validade de um saber que se apresenta como a verdade inquestionável, a obra, *Jesus Cristo Libertador*, permanece atual mesmo após seus quase quarenta anos de publicação.

Neste capítulo estaremos tratando de duas realidades profundamente humanas: a vida eterna e as nomeações humanas dadas a Deus, a partir da experiência com o Cristo Jesus²³¹. Segundo Boff, tais realidades revelam que o Reino de Deus é transformação deste mundo, desta história e não a criação de um mundo paralelo ou para um futuro incerto. Jesus promete essa nova realidade, e já começa a realizá-la neste mundo. A ressurreição é a certeza do Deus que é vida, e vida para sempre, eterna. E testemunha que a vida eterna vem transformar a vida humana e que nada é impedimento à sua ação em concretizar o Reino, exceto a rejeição, consciente, da pessoa. Iniciaremos falando do agir de Jesus que promove o bem, liberta do mal, como também oferece uma libertação que supera todas as expectativas positivas que o ser humano possui para a vida humana, o mundo e o cosmos. Jesus é o libertador da vida porque vem de Deus e, por ele, Deus faz sua morada permanente na vida humana.

²³⁰ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 153

²³¹ Cf. *Ibid.*, p. 66.

4.1. O agir de Jesus como prática libertadora

A mensagem libertadora de Jesus responde ao anseio mais profundo do ser humano no qual é a liberdade. A exigência de Jesus, com o convite a romper com o sistema injusto e o exercício permanente a criar relações humanas de igualdade, é o único caminho possível para a relação autêntica com Deus e assim ser livre.

A etimologia da palavra da libertação com Jesus Cristo alarga o seu horizonte. Sai do campo restrito do religioso e do psicológico, para entrar no campo social. Portanto não se restringe as amarras pessoais, espirituais, atinge uma libertação mais ampla das classes populares, que vivem em condição de verdadeira opressão econômica, política e cultural. No Natal, como em Nazaré, no Jordão, a beira do lago, em qualquer lugar ao encontrar com as pessoas, o Libertador se apresenta como um sinal atraente, até fascinante, ao mesmo tempo, contestador de qualquer sociedade injusta²³².

Jesus, em sua palavra-ação, se apresenta como o libertador. As pessoas que ele busca encontrar ou aquelas que buscam ser encontradas por ele carregam em si, principalmente, o peso de uma opressão e exclusão, além da doença física. A todos ele liberta, chamando para a vida. Assim, falar de Jesus Cristo libertador supõe alguma coisa anterior. Libertação se encontra em correlação oposta à dominação²³³. Lendo os Evangelhos, ou melhor, encontrando com Jesus, a pessoa vai experimentando um crescimento na liberdade a partir da adesão à sua pessoa, uma libertação do sistema dominante, do pecado, da libertação do cosmos, para a vida eterna.

Essa experiência de Deus que liberta para a vida, segundo Moltmann, é, ao mesmo tempo, libertação que atinge o interior e o exterior da pessoa. “Interiormente surge uma nova afirmação da vida, exteriormente novos espaços vitais são abertos”²³⁴. A vida resultada da libertação possui um dinamismo na pessoa e fora dela.

O objetivo e o objeto do anúncio de Jesus é a vida. Ela ocupa todo seu agir, de modo que se torna o núcleo de sua encarnação, morte e ressurreição.

²³² Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, pp. 173-192.

²³³ Cf. *Ibid.*, p. 501.

²³⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p. 101.

Jesus ensinava a partir da vida cotidiana em toda a sua simplicidade. O Reino é como o semeador que saiu a semear sua semente (cf. Lc 8,4-8); é semelhante ao fermento (cf. Lc 13,18-21); e ainda, uma só ovelha, uma só dracma, um filho é muito importante para o Reino (cf. Lc 15,1-32). Suas parábolas respeitam a cultura de quem as escutava. Desse modo, Jesus transmitia a imagem do Pai e revelava os caminhos de seu projeto. Ele demonstrou uma consciente preferência pelos pequenos, pelos desprotegidos e pelos pobres. Jesus vai ao encontro deles e os acolhe, ali onde estavam. Ao passar pela Samaria, acolhe os dez leprosos (cf. Lc 17, 11-19); ao ver a multidão ficou tomado de compaixão por eles, e começou a ensinar-lhes muitas coisas (cf. Mc 6, 34); sentado, próximo a fonte, Jesus pede água a uma mulher da Samaria (cf. Jo 4,5-25) revelando onde Deus faz sua morada. O evangelista João coloca Jesus se apresentando como a própria vida, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). A missão de Jesus consiste em fazer brilhar o rosto de Deus na vida do povo, luz da liberdade e da ressurreição. Ele é a eterna Boa Notícia para toda pessoa que sofre opressão. O encontro com Ele revoluciona a vida, anima para a luta; a fim de recolocar tudo no seu devido lugar, isto é, recolocar a vida como Deus a quer²³⁵.

Num primeiro olhar para a pessoa de Jesus constata-se que ele convive com os marginalizados e os acolhe; denuncia e combate as divisões criadas pelo poder político e religioso, combate os males que estragam a vida humana; anuncia com palavras e ações a vontade do Pai, o Reino. Isto porque ele liberta a vida de todo mal. Num segundo momento, seria o olhar e aproximar, o que faz constatar que a libertação que ele promove tem em vista a recriação de todos e de tudo. Somente na intimidade, que excede o olhar e o aproximar, experimenta, este é o terceiro momento, que a libertação por Jesus tem como meta a vida eterna. Passaremos agora a descrever esta progressiva libertação, captada pelo ser humano, ao encontrar Jesus.

²³⁵ Cf. MESTERS, Carlos. *Eclesialidade e Missão. Reflexões a partir da Bíblia*. Rio de Janeiro, CRB, 1992, p. 15.

4.1.1. Libertação para o bem da vida

Olhar para Jesus é encontrar um homem amante da vida e promotor da ordem justa, porque experimenta e sabe que Deus é o criador da vida e quer que seus filhos vivam bem. Diante das forças que oprimem a vida, Jesus se coloca como defensor e amigo da vida. Ela é o bem maior do ser humano. Diante da situação de exclusão e opressão, de sofrimento e morte, Jesus se coloca ao lado da pessoa como anunciador e doador da vida. A libertação que Jesus oferece, relativiza e supera as conjunturas políticas, e revela à sociedade suas opções contraditórias para com a vida humana. Destacaremos algumas situações em que Jesus liberta a vida do mal.

Jesus apresentou-se aos seus contemporâneos como alguém que falava com autoridade, e não como outros que se atribuía autoridade com o fim de manter o poder sobre as pessoas. Seus ouvintes estavam espantados com o seu ensinamento como quem tem autoridade (cf. Mc 1,22). A autoridade de Jesus significa uma maneira de falar e apresentar-se, indica certa facilidade e liberdade na interpretação da Torá. A marca principal da personalidade de Jesus perante seu meio social é a liberdade. Diante da sua sociedade, dominada pela lei e tensões ideológicas, com graves problemas sociais e sujeita à dominação estrangeira, Jesus revela ser um homem livre que não se deixa condicionar pelos preconceitos e estruturas de sua sociedade, manifestando deste modo uma liberdade com relação ao contexto social e religioso. Para nosso autor em estudo, a atitude de Jesus implica uma denúncia e esperança de que “esse mundo, assim como ele está, não pode ser o lugar do Reino de Deus. Ele precisa sofrer uma reestruturação em seus próprios fundamentos. O que salva é o amor, a aceitação desprendida do outro e a total abertura para Deus”²³⁶.

Jesus não se amarra aos âmbitos de uma família ou tribo. “Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14, 26-27). O Reino exige desapego, desprendimento, pessoas livres, tanto de si mesmas como das outras pessoas e das coisas.

²³⁶ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 89.

A liberdade perante grupos religiosos dominantes no seu tempo - saduceus, fariseus, escribas - tem relevância ainda maior. Jesus enfrenta-se com os guardiões da lei e da religião. Critica a sua forma de interpretar a lei e o fato de colocar pesos pesados sobre os outros. Condena também a sua função social. Sua contestação e inconformismo a ordem operante, está orientada em favor dos marginalizados. Em nome de Deus, visa que a lei volte à sua origem, isto é, que ela esteja a serviço da vida. Em suma, as coisas em si não são más nem boas, mas elas devem ser usadas ou não, com liberdade, em vista do bem; o critério de escolha deve ser o Reino de Deus.

A liberdade mostra-se, igualmente, em relação aos grupos em que Jesus se insere e quanto às pessoas que o acompanham. Ele quebra os padrões religiosos da divisão social segundo os critérios de pureza e impureza ritual, “E, chamando de novo para junto de si a multidão, disse-lhes: ‘Ouvi-me todos, e entendei! Nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro; mas o que sai do homem, isso é o que o torna impuro’” (Mc 7,14-15). Não pretende reunir grupos de pessoas perfeitas, pelo contrário, ele anda com pessoas desclassificadas pela alta sociedade: mulheres, doentes, famintos, sem-teto e pobres. Sente-se livre diante dos preconceitos sociais e religiosos, pois sua atenção está na pessoa. Constatamos que relações humanas baseadas em trocas e favores é morte. Jesus não apóia seus relacionamentos naquilo que as pessoas têm ou podem retribuir, suas relações são gratuitas, por isto é relação de vida.

A liberdade de Jesus manifesta-se também na eleição de seus amigos: gente rude e ignorante, “Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: ‘Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens’” (Mc 1,16-17); cobradores de impostos, “Ao passar, viu Levi, o filho de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: ‘Segue-me’. Ele se levantou e o seguiu” (Mc 2,13-14), todos que queriam o acompanhava e partilhavam a mesma mesa. Constatamos que eleição baseada na capacidade intelectual é morte, Jesus escolhe e prepara seus discípulos, por isto sua escolha produz vida. Jesus chama a ser eficaz, a testemunhar a Boa Notícia, e não a ser eficiente buscando a perfeição no fazer.

Jesus liberta também da fatalidade do mal, origem do pecado e do ódio. A cura de leprosos são expressões dessa libertação (cf. Mc 1,40-45), elas manifestam a vinda do Reino de Deus, que vence o pecado e liberta o ser humano do mal. O pecado não tem mais poder sobre o ser humano.

A libertação para o bem da vida, realizada por Jesus, nada mais é que deixar a vida viver. Cristo ao libertar, livra a pessoa do mal, da opressão para que esta assuma sua vida e viva a liberdade de filhos e filhas de Deus.

Esta leitura evangélica evidencia que o Reino já chegou com Jesus, que as ações de Cristo “antes de revelarem sua divindade visam mostrar que o Reino já está presente e fermentando dentro do velho mundo: uma utopia tão velha quanto o homem está se realizando, a libertação total”²³⁷. Jesus revela o Deus libertador do mal, como também permanece presente na história como o fundamento da liberdade. Desse modo, a libertação do mal não esgota o agir libertador de Jesus Cristo, há uma moldura maior.

4.1.2.

Libertação para as pessoas – mundo – cosmos

A libertação de Jesus é para o bem da vida, uma libertação que é real para as pessoas, o mundo e os cosmos. A mensagem de Jesus traz um novo projeto histórico para a humanidade: nova prática histórica de convivência entre as pessoas, de acordo com o Projeto de Deus, fundamentado na libertação integral. É um projeto radical, pois atinge às raízes mesmas do ser humano como pessoa e como ser social, no horizonte último e definitivo de Deus.

Ao proclamar o Reino de Deus, Jesus utilizava parábolas, uma linguagem simbólica, que evocava a tradição viva de uma experiência de Deus atuante na história. Essa linguagem desafiava as pessoas a reconhecer a realidade de Deus presente e atuante nos eventos do mundo empírico cotidiano e a transcende.

A vida de seu povo, Jesus assume e confronta com o Pai. Ele valoriza a cultura, os costumes e a história, no entanto, não admite nada que leve a morte, nem mesmo aquilo que pode ferir a dignidade da pessoa humana. As pessoas, o mundo e o cosmos são para Deus, são de Deus, e não o contrário. A história, a tradição, deve ser valorizada se, e somente se, aponta para a vida. O homem

²³⁷ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 67.

Jesus de Nazaré manifestava sua liberdade frente ao poder político, opondo-se a qualquer absolutização: “Então Jesus disse-lhes: O que é de César, devolvi a César; o que é de Deus, a Deus” (Mc 12, 17), pois Absoluto é o Pai. Liberdade que o acompanha mesmo estando no tribunal de condenação, ainda deixa entrever seu reinado (cf. Mt 27, 11). A fonte dessa liberdade é a experiência íntima com o Pai. Essa identificação confere-lhe autoridade para realizar a obra do Pai e assumir uma atitude de liberdade face ao poder religioso e político que deturpa a imagem de Deus, “Jesus lhes respondeu: Já vo-lo disse, mas não acreditais. As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim; mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas” (Jo 10,25-26).

A imagem deturpada de Deus e mesmo o fatalismo do mal estavam corroborados pela própria lei religiosa. Por isso, Jesus liberta também de toda visão legalista que escraviza e coloca o ser humano a serviço da lei. Isso aparece, sobretudo, na sua crítica aos fariseus e suas tradições legais puramente humanas. “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós mesmos não entraís, nem deixais entrar os que querem fazê-lo!” (Mt 23,13).

Ninguém foi tão livre quanto Jesus, porque ninguém foi tão aberto a Deus quanto Ele. Os Evangelhos nos mostram sua total abertura ao mistério de amor Pai-Mãe que chamava desde menino, o qual é fruto de sua íntima experiência do Pai, “e todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas” (Lc 2, 47).

Jesus revela o rosto de um Deus que invade a história humana e o cosmos para recriar a vida com relações renovadas. A chegada do Reino não é como se esperava uma solução milagrosa de uma série de problemas, salvação para uns e perdição para outros, é, sim, a criação de um ambiente de liberdade para que as relações humanas sejam verdadeiros caminhos de libertação.

Sabemos que no tempo de Jesus havia grande expectativa da chegada do Messias. Os Evangelhos apresentam João Batista, no deserto, proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados e a novidade de Cristo, “ele vos batizará com o Espírito Santo” (Mc 1, 1-8)²³⁸. “Na linguagem

²³⁸ Não apresentaremos um paralelo entre a pregação de João Batista e Jesus, o que seria por demais longos e não constitui o objetivo da pesquisa. Sugerimos a obra: O Jesus histórico de Gerd THEISSEN; Annette MERZ, pp. 220-236.

profética e na de João, o pecado se identifica com a injustiça, isto é, com tudo aquilo que, ao opor-se ao bem e ao desenvolvimento do homem, impede a sua plenitude de vida”²³⁹.

Diante das diferentes expectativas, que na realidade eram excludentes, por formar um grupo de privilegiados em detrimento de outros, a libertação realizada por Jesus é comunicativa e portadora de vida, para todos e para todas as coisas. O verdadeiro sentido da liberdade é deixar a outra pessoa ser ela mesma, livre. “Liberdade como domínio destrói a vida. O domínio não manifesta a verdade da liberdade, mas sua ‘mentira’. A verdade da liberdade humana está no amor que quer a vida”²⁴⁰. Pelo fato de Jesus já iniciar a realização do Projeto do Pai, o qual se depreende que é libertação para a vida, ele não pode ser entendido unicamente ou protelado para um pós-morte ou para um final dos tempos. Sua ação está presente e ultrapassa a história, alcança toda a vida já existente e toda a vida que será ainda descoberta pelas ciências. Cristo é o único horizonte de referência de todas as realidades.

Com Jesus Cristo se deu um salto qualitativo dentro da história da salvação: pela primeira vez proposta divina e res-posta humana, palavra e realidade, promessa e realização chegaram a uma perfeita adequação. Nele se deu pois de forma absoluta e escatológica a salvação. Nele os dinamismos e as possibilidades latentes da criação toda se concretizaram e chegaram à plena patência. Por ele entrevemos o futuro do mundo e o sentido radical do homem e do cosmos²⁴¹.

A encarnação afirma que Deus faz morada na história humana. No entanto, a imanência não capta toda a transcendência que é Deus. O dom da libertação de Deus supera todas as expectativas e experiências humanas mais profundas, supera toda expressão e linguagem sobre Deus. O verdadeiro e radical sentido de toda libertação está veiculado pelo Reino de Deus, ele é o sentido absoluto que tudo abarca, tudo supera e aponta para a vida plena²⁴².

Ao falar da presença do Reino de Deus para as pessoas, mundo e cosmos, nosso autor, mantém a dinâmica presente e futura do Reino. Trata-se de uma perspectiva bem ampla da atuação de Jesus. Jesus concede o dom da libertação integral para o ser humano, ao expulsar os poderes destrutivos. Promove a vida

²³⁹ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*, pp. 47-48.

²⁴⁰ MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*, p. 119. Grifo do próprio autor.

²⁴¹ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 56.

²⁴² Cf. Id. *Paixão de Cristo*, p. 28.

em toda sua inteireza e para todos, sem dicotomia ou parcialidade. A ressurreição é a manifestação da plenitude radical da vida que atravessa todas as realidades, plenitude que é sentido que liberta a vida e dá sentido a toda a vida.

Podemos concluir que o Reino anunciado por Jesus tem abrangência e interesse para as pessoas, mundo e cosmos, pois “sem ele nada foi feito” (Jo 1,3), e nem a eternidade fica de fora do projeto do Reino de Deus. Veremos como isto acontece.

4.1.3. Libertação para a vida eterna

A libertação fruto do agir de Jesus que a pessoa experimenta, afeta ao mesmo tempo Jesus e a pessoa, ou seja, não foram dois momentos distintos. Jesus é sensível aos gritos da humanidade e a infelicidade alheia, se deixa tocar e toca a pessoa. Mesmo na multidão toma consciência de um toque diferente, surpreso percebe que uma cura saiu dele mesmo, mas isto não basta, ele busca um encontro direto com a mulher e ensina que o Reino só pode ser vivenciado no contato pessoal. O que significa que em meio à multidão, Jesus não vê uma massa de gente, mas pessoas, homens e mulheres, com histórias concretas e diferentes (Cf. Lc 8,46). Esta ação de Deus, em Jesus, revela a atenção amorosa que cada pessoa recebe, em particular, e confirma que a experiência que o ser humano faz de Deus, e este do ser humano, não estão separadas.

Toda vida é importante para Deus. Jesus liberta da doença que é motivo de marginalização, mas também salva da morte que exclui a vida antes do tempo. Deus em Jesus concede a graça em sua totalidade, entretanto o ser humano, por ser histórico, compreende gradativamente e parcialmente esta Graça. Assim, no agir de Jesus não há duas libertações, uma na história outra para a vida eterna, pois “Transcendência e imanência são dimensões de uma realidade global única. A Salvação já está na História e em seu processo de Libertação para a plenitude escatológica”²⁴³. Na acolhida e seguimento à sua pessoa, homem e mulher experimentam que a libertação revelada em Jesus não se restringe a libertar do mal para o bem, nem mesmo do bem para o bem

²⁴³ VIGIL, José Maria. Crer como Jesus. In: *REB* 58/232. Petrópolis, Vozes, 1998, pp. 945-946.

maior, há uma realidade maior, última, que é escatológica; Libertação que aponta para a vida eterna.

Jesus é o libertador. Daí seu querer residir que homens e mulheres sejam libertados de toda prisão, cegueira, injustiça, opressão, doença, fome, violência, discriminação, enfim, tudo que põe a pessoa à margem da vida. Em suma, ele quer que seu Reino seja aquecido pelo amor e chegue logo (cf. Lc 12,49). Jesus é a fonte da vida eterna e chama a atenção para discernir entre o bem transitório e o bem que permanece na confiança ao Pai “Porque vocês ficam preocupados com a roupa? Olhem como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, porém lhes digo: nem o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles” (Mt 6, 28-29). Pois a vida humana tem seu horizonte para a eternidade, para o eterno, Deus. Com a vinda do Salvador, as promessas se tornam cumprimento. Tudo o mais é relativo. É a experiência transmitida pelos sinóticos.

Eu garanto a vocês: quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, filhos, campos, por causa de mim e da Boa Notícia, vai receber cem vezes mais. Agora, durante esta vida, vai receber casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, junto com perseguições. E, no mundo futuro, vai receber a vida eterna. (Mc 10, 29-31).

A libertação para a vida eterna não deve entendida numa dimensão espiritualista ou para um futuro irrealizável. O doutor da lei inquieto com a pregação de Jesus questiona sobre a vida eterna. A resposta de Jesus é concreta e vai direto ao assunto, isto é, para Jesus a vida eterna passa, obrigatoriamente, pela relação fraterna com o próximo. (cf. Lc 10, 25-37). Não existe um integral amor a Deus se falta amor ao próximo. O caminho que leva a Deus passa necessariamente pelo próximo. Dedicar-se a Deus e ao próximo são duas faces da mesma medalha. A pergunta do doutor da lei é a pergunta de todo ser humano hoje, que anseia por mais vida; a resposta de Jesus permanece a mesma: a outra pessoa é condição inseparável para se chegar a Deus. No outro Deus revela seu rosto.

Temos aqui a centralidade da Teologia da Libertação em que a prática toma importância relevante sobre a teoria. Tal característica de Teologia, no dizer de William J. La Due, são dos libertacionistas que retratam o juízo final

no texto exposto em Mateus 25,31-46²⁴⁴. Esta passagem mostra que o juízo não é simplesmente um processo jurídico que acontecerá no futuro, mas que já está acontecendo na resposta cotidiana pessoal frente às responsabilidades históricas. E estas opções se radicalizarão e mostrarão sua verdade última na parusia.

Para Jesus, a plenitude e o sentido da vida não está separado da vida cotidiana e histórica. Isto ele demonstra em seu agir e falar sempre conectado a Deus e à realidade de cada ser humano, particularmente à vida ferida. Seu agir revela que o Reino de Deus transcende essa história e desce à história da sub-vida humana.

Portanto, em meio a um continente rico de criatividade, de terras e águas, de beleza natural e rico de fome, exploração, exclusão, violência e morte sacrificial dos pobres é preciso salvaguardar o caráter libertador da vida eterna. Cada pobre sinaliza: o Reino ainda não chegou definitivamente. Somente a partir do compromisso com o marginalizado que se encontra o verdadeiro sentido de nossas vidas como crentes em Deus e como seres humanos que somos²⁴⁵. Compromisso provocativo para que a plenitude da presença de Deus ocorra no hoje da história e no hoje da plenitude da história em Deus.

Toda libertação que vivemos aqui mostra a ação da salvação escatológica se antecipando, fermentando desde agora a realidade que ficará plenamente transfigurada na escatologia. E é isso que nos permite, como aconteceu com Jesus, ser contemplativos na História, em seus processos, em seus revezes²⁴⁶.

O ser humano busca a água verdadeira, da fonte que jorra até a vida eterna, busca o Mistério que envolve sua existência, Deus, e que se manifestou em nossa carne e se chama Jesus Cristo. Esta vida eterna é possibilidade concreta em Jesus, “quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14).

A vida que vem de Deus é o desejo insaciável do ser humano, por outro lado, a morte eterna é seu maior temor. No entanto, para a fé cristã, a concepção da morte já está influenciada pela Ressurreição, já não existe a

²⁴⁴ LA DUE, William J. *O guia trinitário para a escatologia*. São Paulo, Loyola, 2007, p. 202. Grifo do próprio autor.

²⁴⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 103.

²⁴⁶ VIGIL, José Maria. *Crer como Jesus*, pp. 945-946.

morte eterna. Jesus ressuscitado é certeza que a morte não é a última palavra, mas a vida é a última palavra e a que dá sentido a todo existir. Jesus liberta o ser humano da fatalidade da morte eterna porque proporcionou o seu espírito como princípio de vida eterna. As libertações experimentadas nesta vida já é começo da vida que vem de Deus.

A vida eterna não dá seu sentido à vida presente de maneira extrínseca. Longe de ser vivida como uma evasão, a esperança da vida eterna dá todo seu preço à história da liberdade humana e às escolhas éticas que decidem um destino eterno²⁴⁷.

Na globalidade da ação libertadora de Jesus nada que se passa no mundo se torna, então, sem sentido e tudo está incluído no seu plano de salvação. Tudo tem um significado à luz do projeto divino.

Em suma, vida traz junto à idéia de tempo quantitativo, enquanto que vida eterna o tempo é qualitativo. Vida eterna começa no hoje da vida humana, expressa “a plenitude da vida, uma felicidade ilimitada que ainda de modo fragmentário e limitado, já transparece em boas experiências da vida presente”²⁴⁸. A vida tem orientação e sabor de eternidade quando o Reino se faz presente.

4.2. O Reino de Deus como plenitude da vida

O progressivo conhecimento do Reino, que temos adquirido neste estudo, emerge a proclamação que em Jesus está à vida. O Verbo eterno, o Cristo Jesus, possuía a vida desde toda eternidade. É a primeira afirmação escrita que nos chega da comunidade joanina, “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3). “Ele é o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), “a ressurreição e a vida” (Jo 11,25). A vida é dom de Deus. O dom que Deus faz de si mesmo, em Jesus Cristo é a vida por excelência. A libertação de Cristo ressuscitado continua sendo esperança e é certeza de vida eterna, para a vida do ser humano e para o mundo.

²⁴⁷ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p 1851.

²⁴⁸ Cf. NOCKE, Franz-Josef. *Escatologia*. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. Vol. II. Petrópolis, Vozes, 2000, p.422.

Em Jesus se descobre a presença de um Deus próximo que age na história. Sua chegada revela a presença do Reino que chega. O Reino inaugurado por Jesus mantém a dialética permanente do ‘já’ se realizando na sua palavra e ação e do “ainda não” realizado plenamente. A ressurreição de Jesus concretizou o Reino de Deus; o Reino já vivido neste tempo histórico e a ser vivido em plenitude no futuro escatológico.

Neste sentido, o teólogo Luiz Carlos Susin deixa bem claro: “nós não ressuscitaremos para então termos a vida eterna, mas, pelo contrário, nós já temos em nós o dom da vida eterna, e por isso ressuscitaremos”²⁴⁹. Na ressurreição de Jesus está à certeza que a pessoa ressuscitará. Deus se revela, mais uma vez, vitorioso e o autor da vida. Esta é a certeza da fé. Novidade absoluta que é Boa Notícia e imprime uma responsabilidade, na liberdade, e atuação na direção do Reino para todos.

O centro da pregação de Jesus está na chegada do Reino de Deus e na imprevisibilidade desta vinda: “Vigiai, portanto, porque não sabeis quando o senhor da casa voltará: à tarde, à meia-noite, ao canto do galo, ou de manhã” (Mc 13,33). Com Jesus percebemos a chegada e os sinais que apontam para a plenitude do Reino. Ele é a esperança que vence a morte, a promessa concretizada, a Palavra atuante e atualizadora de Deus. Verdadeiramente ele ressuscitou, ele não parou na morte. Aquele homem crucificado ressuscitou e o ressuscitado é aquele que foi crucificado. O crucificado vive agora eternamente e traz vida eterna para toda a humanidade. O Reino é vitorioso para sempre.

A luz da Ressurreição ilumina toda a vida passada e dá coragem para o futuro. A verdade que Pedro denuncia e anuncia é fruto da experiência com o Ressuscitado.

Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder. (At 2, 23-24).

O Reino pregado por Jesus é realidade que acontece na história e a partir da história. O Ressuscitado não caiu do céu, não é um mito ou fruto da embriaguez (cf. At 2,13). O homem, Jesus de Nazaré morreu por uma causa

²⁴⁹ SUSIN, Luiz Carlos. *Assim na terra como no céu. Brevilóquio sobre Escatologia e Criação*. Petrópolis, Vozes, p. 65.

concreta: fidelidade ao projeto do Pai que é o Reino. Jesus de Nazaré é o Cristo da fé, Senhor da história. O morto está vivo, este homem é verdadeiramente Deus, a verdadeira realização escatológica que Deus colocou dentro da natureza humana²⁵⁰. Ele vive, ele reina, ele é Deus, ele é Senhor da história e da vida. Com sua nova vida, Jesus Cristo inaugura uma nova história e um novo caminho

A ressurreição abriu uma nova dimensão e rasgou um novo horizonte na compreensão da realidade. Em Cristo se manifestou a meta para a qual caminha o homem e o próprio cosmos: total realização, plenitude cósmico-humano-divina²⁵¹.

Então, podemos falar de vida eterna porque a vida nova que está em Jesus não possui caráter temporal, mas tem caráter de esperança realizada, pois n'Ele se realiza a vida plena, a vida eterna. O projeto de Jesus é proclamar a vida e ser instrumento da realização do sentido absoluto do mundo: libertação da escravidão e libertação para a vida plena. A opção do Senhor pela vida é consagrada na ressurreição de Jesus, Palavra definitiva a favor da Vida.

4.2.1.

A compreensão de vida eterna a partir de Leonardo Boff

Vejamos, primeiramente, como os escritos neotestamentários compreendem a vida eterna nos aproximando do Reino de Deus.

Nos Sinóticos esta compreensão é dada pelas parábolas, no contínuo convite à vigilância. O Reino dos Céus será semelhante àquelas que foram ao encontro do noivo, por sua vigilância, entraram para o banquete de núpcias (cf. Mt 25, 1-10). É convite à prontidão a abrir à porta logo que o Senhor vier e bater (cf. Lc 12, 35-38). Compreensão que também se estende à perspectiva histórico-social onde acolher os pequeninos como Jesus é ser os bem-aventurados e herdeiros do Reino (cf. Mt 25, 34). Daqui se compreende que praticar a justiça e possuir a vida eterna se conjugam.

Para João, a vida eterna é encontrada no Verbo, a Palavra de Deus, nele se fundamenta a fé, “Quem crê no Filho tem vida eterna. Quem recusa crer no Filho não verá vida. Pelo contrário, a ira de Deus permanece sobre ele” (Jo 3,

²⁵⁰ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 34.

²⁵¹ *Ibid.*, p. 223.

36). No diálogo com Nicodemos, encontramos a afirmação convidativa de Jesus a ter nova vida como condição para entrar no Reino de Deus (cf. Jo 3, 1-6). Este diálogo evidencia que vida eterna é novo nascimento, vida, totalmente, renovada e recebida de Deus.

Paulo a designa como a nova criação, de modo que participar da morte e ressurreição de Cristo é possuir a vida eterna. “Mas agora, libertos do pecado e postos a serviço de Deus, tendes vosso fruto para a santificação e, como desfecho, a vida eterna” (Rm 6, 22). É total participação na vida do Ressuscitado. “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20). Esta nova criação está ao alcance de todos e chama a todas as pessoas a relações novas, sobretudo reconciliar com toda a criação. “Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo” (Rm 8, 22-23). A criação é o espaço onde o ser humano experimenta o ser de Deus, então, cuidar da criação é cuidar de Deus, no hoje da história, porque a nova criação está se gestando agora²⁵².

A vida, na compreensão cristã, é dom de Deus. Deus cria por amor, e cria para a vida. Por esta razão, porque a vida vem de Deus, podemos falar de vida eterna, assim, compreendida a partir da relação constitutiva do ser humano com Deus e o mundo²⁵³. Isto quer dizer que uma verdadeira prática à luz da esperança escatológica, deve nos conduzir para o encontro com o Deus da vida: “Eu vim para que todos tenham vida e tenham em abundância” (Jo 10, 10). Simplesmente quer dizer que a vida do homem e da mulher deve ser bem cuidada.

A construção da teologia de Boff está assentada neste chão bíblico, que também é o chão da Teologia da Libertação, isto é, de um projeto de vida para a pessoa humana. Uma teologia que participa do ethos humano, na qual a luz é o Ressuscitado. “Desde que Cristo ressuscitou, o sol atingiu seu zênite; a luz

²⁵² Cf. BOFF, Lina. *Da Protologia à Escatologia*. In: *Atualidade Teológica*. 16 (2004), pp. 122-123.

²⁵³ Cf. SILANES, Nereo; PIKAZA, Xavier. *Dicionário Teológico: O Deus cristão*. São Paulo, Paulus, 1998, pp. 932-934.

ilumina os recônditos mais escuros da casa da vida humana e deixa entrever, no que já é, aquilo que ainda-não-é, clamando para ser totalmente”²⁵⁴.

A luta pela vida em todas as suas dimensões é parte integrante do Projeto da TdL, pois é de Deus. A vitória sobre a morte, seja a morte física, seja àquelas provocada pela injustiça, não é só futuro; já está presente na própria prática justa e participa do mistério pascal de Cristo. “Reino de Deus significa que a libertação escatológica do mundo se instaura já dentro da história, adquirindo forma concreta nas modificações da vida”²⁵⁵. No agir de Jesus se antecipa o futuro para a vida da pessoa e do mundo. O presente tem características de futuro, e o futuro é a vida que aponta para a eternidade da vida.

A vida eterna é certeza da vitória da vida sobre a morte. Então, segundo o autor em estudo, a morte, como evento biológico e pessoal, significa preparar-se para uma vida verdadeiramente autêntica e plena, que não está isolada da vida terrena ou projetada para um futuro distante. A morte é comparada ao casulo de uma borboleta como lugar do verdadeiro nascimento do homem e da mulher²⁵⁶. Ela acontece, continuamente, e cada instante pode ser o último. Como as cortinas da janela, a morte descortina uma visão única pela qual pode haver o verdadeiro nascimento²⁵⁷. No anúncio do Reino, a libertação da morte é um momento na pregação de Jesus que começa e se torna efetivo aqui e agora²⁵⁸. A vida é lugar da encarnação de Deus e da revelação aos homens e mulheres. Não há hiato nem oposição, e sim passagem entre a vida terrena e a vida eterna.

Esta leitura nos coloca no caminho dos textos evangélicos. Pois compreende que a certeza da vida eterna para a pessoa, sua história e o cosmos se fundamentam na Boa Notícia, acontecida em Jesus Cristo que “vence a vida sobre a morte, triunfa o sentido sobre o absurdo, superabunda à graça onde abundou o pecado”²⁵⁹.

²⁵⁴ BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, p. 26.

²⁵⁵ Id. *Paixão de Cristo, Paixão do mundo*, p. 28.

²⁵⁶ Cf. BOFF, Leonardo. Op. Cit., p. 24.

²⁵⁷ Cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, p. 34.

²⁵⁸ Cf. NOCKE, Frans-Josef. Escatologia. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. Vol. II, p. 382.

²⁵⁹ BOFF, Leonardo. Op.cit. p. 15.

Na interpretação de Boff, Jesus, o Cristo, feito presente dentro da história pela ressurreição, é o futuro da humanidade. “Para o cristão, a partir da ressurreição de Jesus, não existe mais utopia (em grego: que não existe em nenhum lugar), mas somente topia (que existe em algum lugar)”²⁶⁰. A ressurreição de Jesus é vida na sua vida e configura sentido para o viver e o morrer de todo homem e mulher. O ser humano não é um ser perdido no espaço, tem uma direção, cujo destino é a vida ressuscitada em Cristo. N’Ele permanece a esperança e a promessa, no entanto se sabe que é promessa de concretização, pois experimentou a felicidade na vida realizada em Jesus Cristo²⁶¹. Em Jesus ressuscitado se encontra a Palavra e a realização de Deus desde o povo do Antigo Testamento.

Boff tem o cuidado de não supervalorizar o futuro em detrimento do presente, nem este em detrimento do futuro. Com isso, experimentamos que céu e terra se unem, pois o céu começa na terra. Neste contexto, ele retoma seu princípio norteador do Reino, de que este não é o mundo totalmente outro, mas totalmente novo²⁶². Daí se compreende o apelo da TdL a viver as exigências do Reino. A não cruzar os braços, nem fechar os olhos, diante da realidade de milhares de marginalizados, a não criar um intimismo falso com Deus, mas a lutar contra toda forma de opressão e injustiça à vida, a “pensar criticamente à luz da fé e da revelação a práxis histórica, entender a teologia como um momento de um processo imensamente maior de transformação do mundo e de suas relações”²⁶³.

Buscar o Reino significa ser sacramento de vida em meio à morte que se faz presente hoje entre nós através da persistente violência estrutural, a violência terrorista de facções distintas e a indiscriminada violência repressiva. Significa esperar o encontro definitivo com o Deus da vida²⁶⁴.

A leitura na América Latina chama isto de experiência de libertação. A certeza que a vida tem a última palavra é experimentada neste continente em meio a tantos sinais de morte e onde a pobreza e a opressão são vividas diariamente. Da experiência da fé emerge a afirmação: “Tudo é possível ao que

²⁶⁰ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 149.

²⁶¹ Id. *Vida para além da morte*, p. 24.

²⁶² Cf. *Ibid.*, p. 30.

²⁶³ Cf. BOFF, Leonardo. *A originalidade da Teologia da Libertação em Gustavo Gutiérrez*, p. 532.

²⁶⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 144.

crê” (Mc 9, 23). Jesus prega o Reino de Deus fazendo exigência à prática do direito e da justiça, com ele não se pode ficar a meio caminho. Os cristãos, só são cristãos, se em sua história tomarem o partido dos desfavorecidos, ou seja, dar de comer, de beber, acolher o peregrino, vestir o nu, visitar o enfermo e o que está na prisão. Por um único e só motivo: esta foi a atitude de Jesus. Ser cristão é praticar o amor, o perdão, a abertura total para Deus em sua realidade atual²⁶⁵.

Leitura herdada das Bem-aventuranças. “Bem aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5,2-10). O núcleo é o Reino, não é que Deus gosta da pobreza. Ainda que haja violência, injustiça, miséria, massacre, há Deus que está ao lado da pessoa. Trata-se de ter uma atitude ativa e bondosa para com as necessidades dos outros, não são normas, nem sensibilidade teórica²⁶⁶.

A vida nova por Cristo, com Cristo e em Cristo é real e não utópica porque existe um Deus vivo que criou porque ama a vida e não a deixa desvanecer no nada. Daí resulta a conclusão de validade perene sobre a ação de Deus a guiar a vida sem cessar e ressuscitar os mortos, e que por isso lhes dá a vida eterna.

De suma, Leonardo Boff tem uma visão positiva e de esperança sobre a vida eterna e num permanente dinamismo. O Reino é, para ele, transfiguração deste mundo e o Reino é de Deus.

4.2.2.

A esperança escatológica do Reino de Deus

O Reino de Deus é esperança concreta de realização para os pobres. Jesus não viveu uma realidade desengajada e fora da realidade, nem apenas fala da Boa Notícia da chegada do Reino. Em sua conduta histórica se concretiza e se faz verdade essa vinda. “Ide contar a João o que estais vendo e ouvindo os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22). É o Deus que se faz presente abrindo o futuro onde parece que não há saída. “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus”

²⁶⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p 268.

²⁶⁶ GUTIÉRREZ, Gustavo. Op. Cit., p. 71.

(Lc 6, 20). O projeto de Deus é esperança de humanização da humanidade que está desfigurada, devido o sistema econômico opressor e o valor colocado em demasia, tanto nas coisas como nos animais, em detrimento do ser humano.

Dizer que o Reino é dos pobres não apenas suscita uma esperança, como se o Reino fosse uma realidade, totalmente, transcendente, que só se manifestará depois da morte, mas age sobre a realidade circundante tentando transformá-la e isso porque “o último para Jesus é a vontade realizadora do Pai”²⁶⁷. No dizer de Gutiérrez, “O desprezado deste mundo é o predileto do Senhor”²⁶⁸. Por ele, o projeto de nossa história não fica no vazio, mas se torna utopia possível. “O Reino de Deus que ele pregou já não é mais uma utopia humana impossível. Mas, ‘porque a Deus nada é impossível’ (Lc 1,37), ele é uma realidade já incipiente dentro de nosso mundo”²⁶⁹.

Uma das impressões que temos ao trabalhar sobre a escatologia de Boff é de que seu pensamento é afirmado no chão da realidade da pobreza, da opressão, injustiça, marginalização e ao mesmo tempo, com um olhar otimista e animador. Desse modo podemos afirmar que sua esperança sobre o Reino é escatológica. Escatologia, para nosso autor, não é um tema que trata apenas dos fins derradeiros como morte, ressurreição, juízo final, consumação do ser humano e do cosmos, mas uma perspectiva intrínseca ao todo da história e da realidade humana e cósmica²⁷⁰. Trata-se afinal de uma escatologia libertadora; que valoriza a ordem do histórico, como uma ordem que precisa ser transformada devido às exigências do Reino.

Além disso, Boff explicita que dizer escatologia é dizer esperança, e dizer esperança é gozar de um presente em expectativa de futuro que caminha em direção à libertação, e não à perdição²⁷¹.

²⁶⁷ SOBRINO, Jon. *Jesus Libertador. A história de Jesus de Nazaré*. Série II, O que liberta seu povo. São Paulo, Vozes, 1994.

²⁶⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 153.

²⁶⁹ Utopia, aqui, para nosso autor, parte de uma experiência e anseio humano; manifesta a permanente ânsia de renovação, regeneração e aperfeiçoamento buscados pelo ser humano. Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 13. Em sentido oposto encontramos no dicionário Aurélio o significado de utopia compreendido como “projeto irrealizável; quimera; fantasia.” FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999. Entretanto, em Jesus Ressuscitado, a utopia se torna realidade.

²⁷⁰ Cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, p. 119.

²⁷¹ Cf. *Ibid.*, p. 137.

A esperança cristã não aponta para a cruz, mas para o Crucificado porque ele agora é o Vivente e o Ressuscitado. E é o Vivente e Ressuscitado porque Deus mostrou que ser crucificado por causa da identificação com os oprimidos e os pobres deste mundo têm um sentido último, tão ligado à vida que não pode ser tragado pela morte²⁷².

Moltmann, contemporâneo de Boff, afirma que a escatologia cristã tanto fala de Jesus como de seu futuro. O cristianismo é escatologia, ele é perspectiva de presente e o escatológico move a fé cristã, ele é o motor que tudo move. A ênfase não está na fixação das últimas coisas, mas numa concepção profética, esperançosa rumo a uma finalidade última. Esperança que impulsiona e encoraja a agir no presente deste mundo, buscando a transformação. “Cristo para a esperança, não é só consolo em meio à dor, mas também o protesto da promessa de Deus contra o sofrimento”²⁷³. Desse modo, a esperança cristã torna-se ação de transformação, em espera da total transformação divina.

O povo da América Latina experimenta um crescente abismo entre os que detém o poder e os que nada têm. Ainda mais agravante é a justificativa desta situação como vontade de Deus e a falta de esperança no futuro. A verdade é ditada pelo sistema econômico-político das sociedades em crescimento. Segundo Baudrillard, sociólogo, o fato desta sociedade entrar em crescimento não muda nada, pois o sistema capitalista e produtivista acentua ao máximo o desnivelamento, racionalizando e generalizando-o para todos os níveis²⁷⁴, assim nascer pobre e continuar pobre é considerado por muitos como normal mesmo em um país em grande expansão, como é o caso do Brasil. Há de acrescentar também, lembra Boff, o desaparecimento dos valores naturais da beleza, da contemplação, da arte, da música, das relações humanas desinteressadas em proveito dos valores de autonomia, sofisticação, expressividade, erotismo. O povo tem fome não só de pão e justiça, mas também da beleza e da alegria²⁷⁵.

A pobreza do povo não é casual, mas institucionalizada, e produzida por forças de morte bem organizada que “anuncia um Deus que manda obedecer à ordem estabelecida, não se perguntando se essa ordem não poderá ser, como

²⁷² BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo, Paixão do mundo*, p. 14.

²⁷³ Cf. MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 31.

²⁷⁴ Cf. BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*, p. 66-67.

²⁷⁵ Cf. BOFF, Leonardo. *Experimental Deus*, p. 151.

efetivamente está sendo, ordem na desordem e fruto do egoísmo de grupos de interesse”²⁷⁶. A pobreza, a sub-condição humana de existência na América Latina é vista a olhos nus. Mas, esta não é a única experiência, há também uma outra que é a solidariedade, o calor humano, a esperança de justiça, o gosto pela festa²⁷⁷. Em última instância, podemos dizer, que é a experiência da ressurreição o que faz recriar as relações, para além de toda maldade e divisão.

A fé do povo da América Latina é experimentada em meio a realidades bem concretas na história humana, provada, muitas vezes, por projetos que visam oprimir e fechar as portas à esperança. Neste sentido, vale citar a própria avaliação de Boff: a presença de Deus na América Latina é feita na experiência de uma dupla ausência de vida. A primeira é marcada pela miséria humilhante, ganância insaciável, violência, fome de participação, ânsia de fraternidade e desejo de estruturas sociais que visam o bem da pessoa, e a segunda experiência, está na ausência da pregação de um Deus concreto, que seja solidário nas alegrias e nas tristezas. Nesta visão, Deus é a - histórico, como que um criador separado de sua obra. Entretanto, continua Boff, Deus emerge, também, a partir da libertação e do compromisso por uma sociedade justa; havendo um rosto positivo de Deus, pois é um Deus que é radicalmente solidário, na vida e na morte²⁷⁸. Sua presença é captada nas realidades mais banais e comuns do cotidiano, expressa como solidária e libertadora de todo mal. O abandono, a injustiça, a angústia, a exclusão são experiências, profundamente, negativas na vida humana, a partir de Jesus elas não são sem sentido ou castigo de Deus, pois, na aparente ausência Deus se faz presente. No extremo abandono, experimenta a bondade do Pai que continua sendo Pai-e-Mãe. Bondade que permanece nos momentos de alegria e solidão. A experiência do Deus que é Bom, não acontece num momento pontual ou ocasional, ela é bondade perene.

Hoje, mais que em outros tempos, devido à crise das utopias, da selvageria que o capitalismo neoliberal tem se implantado no palco histórico do terceiro mundo, precisamos, num contexto sofrido de América Latina, anunciar

²⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 80.

²⁷⁷ Para Boff estas duas realidades: sub-condição humana e a prática da fé formam o contexto que originou a temática de *Jesus Cristo libertador*. Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, pp. 178-179.

²⁷⁸ Cf. Id. *Experimentar Deus*, p. 82-84.

e fazer com que o Senhor venha para nos libertar de tal situação. A mensagem do Reino é esperança escatológica. Como enfatiza Renold Blank,

Um mundo sem esperanças afunda em crises de sentido cada vez mais profundas, nenhuma promessa de satisfação consumista poderá encher o vazio nos corações de seus integrantes. Nessa situação surge mais do que nunca a necessidade de anunciar e de proclamar, a um mundo carente de esperanças, a grande mensagem do Reino de Deus²⁷⁹.

Pela utopia toda a alienação será vencida. “Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!” (Ap 21,4). É o Reino acontecendo enquanto experiência que aponta para a vida.

Em síntese, dizer esperança na escatologia é dizer presente e futuro; é o *já* e o *ainda não*, acontecendo na história humana. Daí que o Reino de Deus está em contínuo crescimento na história de luzes e sombras do tempo presente e o futuro está sendo manifestado dentro do presente²⁸⁰.

No Cristo ressuscitado, o ser humano encontra o amor radical do Pai e o sentido radical da vida. Experimenta-se dentro de uma rede de relações: com Deus, com os outros, com a natureza. “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo.” (Ef 2, 4-5).

Queremos agora aprofundar o que foi dito até aqui, na ótica do Reino de Deus e da ressurreição de Cristo, em seu caráter absoluto para a vida humana.

4.2.3.

A vida no Reino de Deus é eternidade da vida

A eternidade da vida é promessa de Deus, já cumprida na vitória de Cristo sobre a morte e se inscreve na história humana. “Porque o tempo ‘vertical’ (*Kairos*), isto é, a irrupção da graça de Deus, visitou o tempo do mundo (*khronos*) que este pode engendrar a eternidade”²⁸¹.

Com a ressurreição de Jesus cremos e testemunhamos, que a experiência do Reino não é passageira e nem é ilusão. O Cristianismo ao afirmar saber sobre o futuro do ser humano é boa notícia para todos, ou seja, afirma que a

²⁷⁹ BLANK, J. R. *Nosso mundo tem futuro*. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 59.

²⁸⁰ Cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, p. 32.

²⁸¹ LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1851. Grifo do autor.

vida vence a morte. Prenuncia o céu como a convergência realizadora de todas as pulsações humanas. Refere-se ao inferno como a absoluta frustração, criado pela liberdade da própria pessoa; promete a Ressurreição dos mortos como radical patentealização dos dinamismos latentes na natureza humana²⁸².

A teologia afirma que a ressurreição é compreendida como acontecimento neste mundo, caso contrário não seria compreensível pelo ser humano. Disto nos prova os discípulos, ao encontrarem o ressurreto: as relações foram aprofundadas, a vida foi ativada. A experiência com o Ressuscitado se insere a partir da própria vida dos discípulos, pois só assim eles poderiam fazer a experiência do Ressuscitado²⁸³. Por isto, Jesus aparece à Maria revelando seu nome; para os discípulos à beira do mar. É a partir da história pessoal, vocacional, de cada um e de cada uma, que o Ressuscitado aparece e eles experimentam que Jesus está vivo para sempre, ele não mora entre os mortos.

A libertação com a chegada do Reino e a libertação prometida do Reino, pela ressurreição, é realização radical e absoluta na vida humana. Pela ressurreição torna patente tudo que Jesus disse do Reino, é o começo do Reino da vida, afirma Gregório de Nissa²⁸⁴. No dizer de Boff, na ressurreição, Jesus “anunciou um sentido absoluto ao mundo como libertação total de todas as alienações que estigmatizam a existência humana: da dor, do ódio, do pecado e, por fim, também da morte”²⁸⁵.

A eternidade não é estranha à vida histórica, temporal, assim como, anteriormente, afirmamos do Reino publicado por Jesus. A eternidade é realidade na qual acontece na história e a partir da história. O anúncio do Reino de Deus e a ressurreição não são de nenhuma forma duas dimensões separadas. A ressurreição concretiza o anúncio e o agir do Reino na vida de Jesus²⁸⁶. História divina e história humana, estão profundamente entrelaçadas, são inseparáveis.

²⁸² Cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, p. 15.

²⁸³ Cf. NOCKE, Franz-Josef. *Escatologia*. In: SCHNEIDER, T. (org.). *Manual de Dogmática*. Vol. II, p.406.

²⁸⁴ Cf. BOFF, Lina; REZENDE DE MORAES, Eva Aparecida. *A concepção de vida em Gregório de Nissa. Ensaio de aproximações com as ciências da vida*. In: *Atualidade Teológica*, 27 (2007), p. 324.

²⁸⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 134.

²⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 135.

Cristo diz respeito a todo o universo, e não se pode mais falar do ser humano sem Deus, porque definitivamente Ele veio fazer morada na história para nos levar até Ele. Dizer que a vida no Reino de Deus aponta para a eternidade da vida é dizer que a vida do ser humano, do mundo e do cosmos encontra seu sentido em Deus.

Os textos neotestamentários aplicam a Cristo tudo que é importante e essencial para a vida e para a história, mesmo a realidade mais sublime, Deus²⁸⁷. Tal afirmação está longe de ser um exclusivismo, trata-se de afirmar que Deus, verdadeiramente, viveu a vida humana, uma solidariedade que não está no controle do ser humano e se universaliza em todos os homens e mulheres, de todos os tempos e lugares²⁸⁸.

A teologia da América Latina conjuga bem a unidade entre presente e futuro, história e escatologia, onde assume, como seu mesmo, o projeto de Deus de libertar seu povo, para que a vida seja plenamente vivida. A Revelação de Deus ilumina a realidade social e leva ao compromisso concreto, particularmente, com aqueles que Jesus mais atribua sua atenção, os pobres.

Podemos concluir que a construção da vida plena começa aqui para continuar acolá. O Reino é a vida plena que Jesus inaugura com sua palavra-ação, é utopia na compreensão de Boff. É o presente apontando o futuro e este manifestado dentro do presente. A vida no Reino aponta para a eternidade da vida. Constatamos, também, a contribuição da TdL em oposição à dicotomia, ainda existente, entre a vida histórica e a vida eterna.

Queremos agora apresentar algumas concepções de como Deus revelado em Jesus é captado na América Latina as quais escolhemos e enfatizamos a partir de nosso estudo. Concepções que estão presentes nas páginas da Sagrada Escritura quer afirmada explicitamente a propósito de Deus quer a propósito de Jesus, sua presença na terra. Cremos que estas concepções, que denominaremos imagens de Deus, são de grande importância, pois traduzem concretamente a experiência do povo e particularmente adquirem força transformadora neste Continente.

²⁸⁷ Cf. *Ibid.*, pp. 168-169.

²⁸⁸ GONZÁLES FAUS. José Ignacio. *Acesso a Jesus*, p. 131.

4.3.

A imagem de Deus na leitura da Teologia da Libertação

Passemos a esboçar três traços da imagem de Deus que se percebe através da Teologia da Libertação. Principalmente, como dissemos desde o início, a partir da concepção de Leonardo Boff.

A mensagem sobre o Reino anunciado e vivido por Jesus é acontecimento na história da pessoa, do mundo e do cosmos. Falamos dele, exatamente, porque sua realidade atinge a nossa vida, nossa cultura. Nossa experiência de fé é marcada pelo que somos e temos. Inseridos no contexto da América Latina nossa cristologia possui características particulares dentro do cosmos²⁸⁹.

É importante lembrar que a Teologia da Libertação surgiu a partir de uma realidade já vivida que é a opressão e o desejo de libertação. Primeiramente, uma comunidade comprometida com a luta pela justiça querida por Deus, em segundo lugar a reflexão teológica, daí a afirmação tão particular de Boff ao descrever que a teologia da libertação emergiu como aprofundamento desta luta libertadora. Um estudo sério de sua gênese pode chegar à conclusão que a TdL não criou e nem está fora da realidade concreta e humana vivida no cotidiano, pelo contrário, ela revela e denuncia, profeticamente, uma realidade que, por vezes, está escondida por detrás da cortina, e mais, usurpando o direito do outro em viver com dignidade.

A inspiração fundante da TdL também não está somente na luta política ou numa prática social, ela prima e se funda na experiência de um Deus que liberta e é vida. Assim, ela une fé em Deus com o desejo de liberdade, segundo a Sagrada Escritura. A compreensão de libertação situa-se no nível da dependência econômica, social, política e cultural, sua reflexão se amplia a todas as dimensões humanas. “A conquista paulatina de uma liberdade real e criadora leva a uma permanente revolução cultural, à construção do homem novo, a uma sociedade qualitativamente diferente”²⁹⁰, onde Cristo nos é apresentado como o portador da libertação. Em suma, a libertação estende-se a todo o âmbito humano, ali Deus está agindo de modo salvífico.

²⁸⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 56-57.

²⁹⁰ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*, p. 44.

Para os teólogos da libertação, mais que perguntar sobre se Deus existe, ela pergunta sobre que repercussão tem Deus na existência concreta das pessoas e da sociedade; se se trata de um Deus que conduz à prática da justiça, libertador da pobreza e da opressão ou se trata de idolatria que faz erguer deuses que promovem a injustiça, a miséria, a opressão²⁹¹. Daí a insistência sobre o Deus que se faz presente na história humana com entranhas de misericórdia, o Deus que faz morada com os pobres e o Deus da vida. A experiência de fé exige constante discernimento entre o Deus verdadeiro e a multidão de ídolos²⁹². Busca recuperar a imagem do Deus experimentado e anunciado por Jesus: Deus pessoal envolvido na história, Deus Pai misericordioso e libertador do povo, Deus próximo da vida humana concreta, Deus comprometido com a libertação, Deus acolhido na entrega do Filho, Deus envolvido com o sofrimento injusto dos pobres²⁹³.

Pelo fato de Deus ser lido tão entranhado na realidade humana e tantas vezes evocado, Boff alerta que “há que considerar a imagem de Deus vinculada, ideologicamente pelo sistema”²⁹⁴. Pois, é próprio do sistema capitalista a justificativa da riqueza para poucos e pobreza de muitos como vontade de Deus e afirmar, para estes, que a vida e a liberdade pretendida só se dará no pós-morte.

Libânio contrapõem de maneira clara qual é a imagem de Deus da pós modernidade e o Deus da teologia da libertação. Para aquela ele afirma,

É um deus absolutamente surdo ao clamor dos pobres. Verdadeiro ídolo no sentido negativo do Antigo Testamento de manipulação do verdadeiro Deus (Ex 32), de destruir a identidade e a vida do povo, chamado por Deus a viver a Aliança e de matar em nome de Deus²⁹⁵.

Enquanto que para a teologia da libertação, Deus é vida e age na história libertando o seu povo. Não se trata de outro Deus que Aquele da Sagrada Escritura. É, no fundo, a experiência de Deus que estabelece forte crítica ao deus capitalista, este equipara seu desenvolvimento e tecnologia no mesmo nível do cumprimento de todas as aspirações humanas. Desse modo, o Reino

²⁹¹ Idem. *O Deus da vida*, pp.75-93.

²⁹² CASALDÁLIGA, Pedro. VIGIL, José María. *Espiritualidade da libertação*, p.99.

²⁹³ Cf. LIBANIO, João Batista; ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*, p. 62.

²⁹⁴ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, p. 80.

²⁹⁵ Disponível em: < <http://www.jblibanio.com.br>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

de Deus oferece possibilidade de desmascarar tal mistificação do sistema capitalista. O Reino de Deus nunca se identifica plenamente com as estruturas do mundo, nem se trata de um reino em dimensão espiritualizante. Jamais se institucionaliza, totalmente, na história humana. A completa realização do Reino de Deus ou do desejo humano de vida em plenitude para todos só pode ser obra de Deus que supera toda possibilidade humana. O Deus da ressurreição de Jesus é o fundamento desta esperança radical e fé escatológica, sem deixar cair na ilusão das propostas do capitalismo, nem na desesperança com os limites da histórica.

O Deus da libertação é o Deus da vida. A célebre frase de Santo Irineu serve de estereótipo dessa imagem de Deus: A glória de Deus é o ser humano vivo. Trata-se da vida concreta do ser humano, numa perspectiva unitária da criação e salvação, da natureza e história, da história humana e salvação. Se o deus do capitalismo opta pelos ricos, o Deus da libertação o faz pelos pobres, que carecem das condições de vida²⁹⁶.

Estas duas perspectivas demonstram a tensão fundamental entre revelação e realidade, a luta contra uma falsa imagem de Deus e da afirmação do Deus da vida, como centro da revelação bíblica. Ora, o Reino exige que as relações sejam próximas, sem dualismo e a TdL se empenha em desmascarar o deus do sistema opressor e propagar o Deus acessível a todos. A partir desta perspectiva histórica para o Deus do Reino e os destinatários do Reino resulta uma experiência concreta e especial de Deus e do ser humano.

Certamente o Deus de Jesus de Nazaré é o Deus da experiência dos pais da fé abraâmica do Primeiro Testamento. Mas também é um Deus experimentado de uma maneira profundamente diversa, porque a encarnação de Deus não visa sancionar o que já sabíamos dele senão revelar-nos definitivamente quem e como Deus realmente é em si mesmo. Não podemos olvidar que o móvel último da condenação de Jesus não residiu tanto na discordância com os fariseus quanto à interpretação da Lei, mas pelo fato de Jesus ter apresentado um Deus de amor e de perdão, um Pai com características de mãe, portanto, devido a uma experiência diferente de Deus²⁹⁷.

A seguir, esboçaremos apenas três experiências de Deus revelado no agir de Jesus Cristo. Vamos retomar os alicerces construídos no primeiro capítulo, partiremos dos dados bíblicos, para em seguida dar à palavra a TdL ao mesmo tempo unida as urgências atuais de homens e mulheres que clamam pelo Deus

²⁹⁶ Ibid.

²⁹⁷ BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*, p. 108.

Pai-e-Mãe de infinita misericórdia, pelo Deus dos pobres e o Deus verdadeiro libertador da vida.

4.3.1. Deus é Pai-e-Mãe de infinita misericórdia

No Antigo Testamento, raramente aplica a Deus o nome de Pai. Mesmo assim, a experiência é descrita como um pai zeloso e cumpridor de sua promessa, assim lemos a Aliança de Iahweh com Davi e sua dinastia. “Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho: se ele fizer o mal, castigá-lo-ei com vara de homem e com açoites de homens” (2Sm 7, 14). Entretanto, Jesus fala com frequência de "vosso Pai", "teu Pai", "vosso Pai do céu" e chama a Deus pelo nome de "Pai." Anuncia o Reino de Deus como vontade do Pai. “Não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino!” (Lc 12, 32). Jesus ao anunciar que o Reino de Deus é dos pobres não apenas suscita uma esperança, como se o Reino fosse uma realidade, totalmente, transcendente, que só se manifestará depois e para além da morte, mas age sobre a realidade circundante tentando transformá-la. No dizer de Gutiérrez, “O desprezado deste mundo é o predileto do Senhor”²⁹⁸. Jesus ensina a rezar ao Pai como ele mesmo reza “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino” (Lc 11,2); louva ao Pai pela Boa Notícia “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21) e ao prosseguir, aponta a quem é dado chegar ao Pai. “Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Lc 10,22). O Pai para Jesus é comunicação íntima e aberta aos outros.

Jesus revela de maneira nova a paternidade de Deus, *Abba*, que não é apenas no sentido familiar, mas condensa as imagens do Antigo Testamento, na qual Jesus nos faz conhecer de maneira nova o beneplácito de Deus. Em sua palavra e ação, Jesus revela o reinar de Deus. Ele vive por dentro o amor de Deus a seu povo, e age como o próprio Deus. Com Jesus, todos encontram a

²⁹⁸ GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*, p. 153.

revelação de um Deus-Pai, ao invés de um Deus-Lei. Por ele, cada pessoa, indiscriminadamente, é chamada a participar do Reino²⁹⁹.

A origem e fundamento do Reino, em Jesus, é fruto de sua experiência pessoal e íntima do Pai, o qual chama *Abba*. Experiência feita em meio a situações de exclusão e opressão no interior e exterior da vida humana, que se estende como ação soberana e transcendente de Deus na história de homens e mulheres concretos. Há de se ter claro que é marca da experiência de Deus o estender-se às relações humanas, caso contrário, não é de Deus. Nada que vem de Deus dá espaço para o intimismo, espiritualismo nem individualismo. O Reino pregado-e-vivido por Jesus supõe da parte do ser humano uma visão nova de Deus, das pessoas, das coisas e de si mesmo, supõe novas relações, conversão, resposta livre, horizonte aberto.

A experiência de Jesus com o Pai, segundo Schillebeeckx, é o Deus voltado para o ser humano. Isto porque Jesus dirige toda sua palavra e ação, não para si mesmo, mas para o Pai e a salvação que vem de Deus a todas as pessoas³⁰⁰. Essa experiência do Deus voltado para o ser humano, faz de Deus muito íntimo do ser humano e nada estranha ao ser humano.

Para Boff a experiência que nos advém de Jesus é de um Deus como Pai e Mãe de infinita bondade³⁰¹. Uma bondade que não é um romance, nem que simplesmente aceita tudo. Daí decorre três afirmações. A primeira que é um Deus que, paradoxalmente, revela ser rigorista em exigir o cumprimento da lei para que a vida seja respeitada e revela ser liberal para que a vida sobreponha à lei. Desta forma Jesus acolhe a todos, especialmente os marginalizados da sociedade: pobres, crianças, mulheres, pecadores públicos, cobradores de impostos, prostituta, doentes. No Evangelho de João encontramos esta frase libertadora de Jesus: "Se alguém vem a mim, eu não o mandarei embora" (Jo 6,37). A maneira de amar de Jesus supera as discriminações e rótulos que os homens haviam criado dividindo as pessoas em puros e impuros, próximos e não-próximos, bons e maus.

O amor manifestado em Jesus é ainda de um Deus de extrema misericórdia, como uma mãe que tem entranhas e coração sensível a todo

²⁹⁹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, pp. 35-37.

³⁰⁰ SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*, p. 663

³⁰¹ BOFF, Leonardo. *Experimantar Deus*, p. 114-120.

sentimento alheio, sempre disposto a acolher, abraçar, perdoar. Atitudes femininas. Desse modo, constatamos que Deus é plenamente Pai e também Mãe de infinita misericórdia e bondade.

Por fim, o Deus que nos advém por Jesus é um Deus que continua Pai e Mãe mesmo no extremo abandono, ou seja, no Getsêmani sozinho à noite abandonado, permanece na confiança e no amor ao Pai, por isto entrega sua vida. O Pai o ouve; é a ressurreição, a revelação da bondade infinita de Deus que não se deixa vencer por nada. A cruz, sinal de morte é transformada por Deus em caminho de vida e sinal de libertação.

A teologia da libertação surge para mostrar que Deus é Pai-Nosso; portanto os homens e as mulheres devem se relacionar como irmãos e irmãs, sem haver exclusão, sem haver opressão ou sem qualquer tipo de violação da dignidade humana. Lutar pela libertação é valorizar a paternidade universal de Deus, que se manifesta nas relações justas e fraternas entre todos os seres humanos. Só se pode chegar a Deus como amor, como aquele quem dá razão a existência, mesmo em meio ao mal físico ou moral. Deus sofre ao lado dos pobres, é a experiência do Deus da libertação.

4.3.2. Deus dos Pobres

O núcleo gerador da fé bíblica é a experiência do Êxodo. Ele foi ponto de partida e o elemento coagulador da experiência histórica do povo de Deus. Com a experiência do êxodo está ligada a imagem de Deus como libertador e defensor dos oprimidos.

Na Sagrada Escritura numerosos textos bíblicos ressaltam e evidenciam como Iahweh se revela como aquele quem faz justiça em favor do seu povo. O povo de Israel ao fazer memória das intervenções históricas de Iahweh reconhece-O como o Senhor dos exércitos. Ele é aquele que sempre intervém para libertar a nação da opressão estrangeira.

Portanto, dirás aos filhos de Israel: Eu sou Iahweh, e vos farei sair de debaixo das cargas do Egito, vos libertarei da escravidão e vos resgatarei com mão estendida e com grandes julgamentos. Tomar-vos-ei por meu povo, e serei o vosso Deus. E vós sabereis que eu sou Iahweh, o vosso Deus, que vos faz sair de sob as cargas do Egito (Ex 6, 6-7).

Deus se revela como o protetor nacional de Israel e o defensor, *go'el* dos pobres, um pai libertador, que resgata e defende o povo que lhe pertence, possibilitando a vida³⁰². Na angústia do emigrante Deus lhe responde. “Em minha angústia eu grito a Iahweh, e ele me responde. Livra-me, Iahweh, dos lábios mentirosos, da língua traidora” (Sl 119, 1-2). Na qualidade de Santo de Israel, Deus faz Aliança com seu povo, atua na história como Deus sempre fiel a sua palavra, aquele que faz da justiça e do direito os alicerces do seu reinado. “Justiça e Direito são à base do teu trono, Amor e Verdade precedem a tua face” (Sl. 89, 15). O povo de Israel experimenta que Deus se revela como o redentor e defensor do pobre, aquele que caminha à frente do seu povo, formado pelos marginalizados da sociedade. “Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas, tal é Deus em sua morada santa; Deus dá uma casa aos solitários, livra os cativos para a prosperidade, mas os rebeldes habitam na terra seca” (Sl 68, 6-7).

O Antigo Testamento concebe a Deus como o libertador da opressão, o Deus da vida, cujo direito à vida e à justiça é respeitado, exige do povo fidelidade na história. Na relação com a outra pessoa, estabelecer o direito e a justiça é prolongar o ato libertador de Deus, é fidelidade à Aliança firmada entre Deus e seu povo, é adquirir a vida, o contrário da fidelidade, é a violação do pacto da Aliança e a perda da identidade enquanto povo. Esta é a leitura de Gutiérrez; ao que reporta que praticar a justiça e o direito para com o pobre é mais que opção preferencial, privilegiada, obrigatória, amorosa, solidária, bem intencionada, e tantas outras palavras bonitas que possa haver. A questão é muito mais profunda e existencial, visto que praticar a justiça para com o pobre é dar sentido à vida, é ter uma identidade, o contrário, isto é, não praticar a justiça, implica dar as costas à verdadeira identidade³⁰³. O Deus da libertação é aquele que ouve o clamor do pobre. E o clamor revela uma falta e emergência do Libertador, revela que o Reino ainda não chegou. Aponta para a presença de uma ausência. Enfim, revela a verdade sobre Deus e as pessoas.

Em continuidade ao agir do Deus libertador, temos Jesus que revela em sua palavra e ação ser o cumpridor da justiça de Deus e o servo eleito a quem Deus coloca seu espírito. (cf. Is 42, 1). Com sua chegada os surdos ouvem, os

³⁰² Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*, p. 45-47.

³⁰³ Cf. *Ibid.*, p. 54.

cegos vêem, os coxos andam, os que não tinham mais vida ressuscitam, os pobres são incluídos na mesa.

Na experiência de Jesus, a soberania de Deus na história se radicaliza na misericórdia universal e no amor particular aos pobres. Em sua pregação do Reino, os pobres ocupam lugar de centralidade.

Jon Sobrino fala da parcialidade do Reino de Deus, e, até da parcialidade do amor de Deus “Como realidade escatológica o reino de Deus é universal, nele podem entrar todos, embora nem todos de modo igual. Mas, diretamente, o reino de Deus é unicamente dos pobres”³⁰⁴. Sob este ponto de vista, o Reino proclamado por Jesus pode dar margem a partidarismo e benefícios somente para seus simpatizantes, entretanto Jesus analisa a realidade com seus conflitos que geram o oprimido a partir do valor supremo da pessoa humana que está diante dele, vista à luz do projeto de Deus sobre a história. Nosso autor conjuga Reino na totalidade da realidade humana e do mundo. “Reino de Deus que não é libertação da subjugação romana nem grito de rebelião dos pobres contra os latifundiários judeus, mas total e completa libertação de tudo o que aliena o homem”³⁰⁵. A experiência fontal de Jesus, sua originalidade e sua morada, como já vimos anteriormente, não se assenta no encontro com o povo. Seu horizonte, e nisto consiste a novidade cristã, está na proclamação de que a fonte última de seu projeto de vida está assentada na sua experiência com o Pai; a referência última e definitiva de Jesus é Deus. Ele e o Pai são um (cf. Jo 17, 1-26). A adesão a Jesus se manifesta verdadeiramente em fazer como ele fez, viveu e amou, enquanto que a recusa a amar é rejeição a Cristo. “O pobre, o outro, surge como revelador do totalmente Outro”³⁰⁶.

Dentro deste amor totalizante e estendido a todos, são aos pobres, os oprimidos, os injustiçados, enfim os que tem a vida ameaçada que Jesus dedica toda sua atenção e entrega sua vida, são também estes que mais acolhem a Boa Nova de Jesus. Esta é uma das evidências do Novo Testamento. Lucas formulou-a de forma taxativa: “Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20). O Reino e suas exigências são para todos, porém, justamente por serem desprezados pelos sistema: econômico, político e

³⁰⁴ SOBRINO Jon. *Jesus, o Libertador*, p. 128.

³⁰⁵ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 259.

³⁰⁶ GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação*, p. 262.

religioso, os pobres, os últimos da sociedade, recebem uma predileção do amor de Deus.

Jesus é lido pelo terceiro evangelista como a compaixão e a misericórdia, o amor e a bondade pelos pecadores, marginalizados, excluídos, injustiçados. É sua proclamação na sinagoga em Nazaré (cf. Lc. 4,14-27). Na mentalidade lucana os pobres têm conotações concretas: carência de meios econômicos e de toda classe de relevância na sociedade. Compreende os presos, os cegos, os oprimidos (cf. Lc 4,18), os famintos, os desolados, os tristes e difamados, os perseguidos e marginalizados (cf. Lc 6, 20-22), os coxos, os leprosos, surdos e inclusive os mortos (cf. Lc 7,22). Há um contraste, de um lado os pobres, famintos, perseguidos, aflitos e de outro os ricos que se banqueteam sem se preocupar com a miséria (cf. Lc 16, 19-31).

A Boa Notícia que Jesus proclama não é só discurso. Aos que o ouvem, ele afirma cumprir *hoje* suas palavras. Portanto, trata-se de uma realidade presente. É o futuro acontecendo no presente; é a intervenção libertadora e salvífica de Deus, acontecendo na história humana. Aqui reside a esperança e o sentido da vida para todo homem e mulher.

A esperança que nasce da realidade concreta da América Latina entende que as palavras de Jesus querem traduzir que o Reino ‘já’ começa nesta história, através da luta pelo direito dos pobres, denúncia das injustiças, vivência do amor-misericórdia-conversão, promoção e defesa da vida, é a historicização do Reino. E ainda a espera de sua plena realização. O problema que mais atinge este continente é a marginalização social de imensas porções da população³⁰⁷.

Experiência histórica de Deus coincide com a experiência ética para com a outra pessoa. Não há solidez numa experiência histórica de Deus sem uma prática da justiça; elas são feitas no chão histórico da libertação do povo, de uma prática que faz justiça aos pobres e ergue os humilhados. Contemplação e compromisso se unem. Fé e vida estão sincronizadas. “O outro é o lugar onde eu percebo a transcendência. E também a presença viva e concreta da transcendência. A essa transcendência chamamos de Deus”³⁰⁸. O Deus trazido no anúncio do Reino não admite a distinção entre amar a Deus e amar aos seus

³⁰⁷ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p.59.

³⁰⁸ *Ibid.*, p. 236.

filhos e filhas. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20). Amar e acolher a outra pessoa, com suas luzes e sombras, mostra uma transcendência palpável, manifesta acolhimento a Cristo.

Jesus nos mostra com clareza qual o autêntico caminho a Deus: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Aceitar o pobre, como ele se encontra, é aceitar o próprio Jesus. Em cada rosto humano e onde há um sopro de vida, ali está Deus. E o povo simples capta bem esta realidade e à sua maneira expressam sua experiência do Deus vivo: “Jesus é nosso camarada” ou “Deus é brasileiro.”

Portanto, na América Latina a solidariedade para com os pobres, não é somente solidariedade com seus anseios de justiça e de libertação da pobreza, mas também com suas culturas e aspirações utópicas, com sua religiosidade. Um Deus que é vida e libertação para todas as pessoas, e se faz companheiro com todos aqueles que estão oprimidos e excluídos.

4.3.3. Deus libertador da vida

A primeira palavra da Bíblia é vida, a criação de toda a vida por Deus. “No princípio, Deus criou o céu e a terra.” Mas, é no livro do Êxodo que encontramos esta consciência. O Antigo Testamento atribui ao evento libertador na saída do Egito a razão da existência do povo de Deus. O Êxodo é o lugar privilegiado para sintetizar a fé israelita, na libertação nasce o povo.

Ao se conscientizar de que não era mais um povo livre e sim oprimido e escravizado, os filhos de Israel clama a Deus por libertação (cf. Ex 2, 23). Iahweh ouve as súplicas de seu povo e decide intervir para ajudá-lo na busca da libertação:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel (Ex 3, 8).

Moisés recebe a missão de tirar o povo do Egito e guiá-lo até a Terra Prometida (cf. Ex 2, 10). Aprofundando sua experiência de fé, Israel experimenta Deus como Criador de todas as coisas (cf. Gn 1, 1) e mais

especificamente como Aquele que deu a vida à criatura humana (cf. Gn 2, 7). Reafirma-se como povo escolhido por Javé (cf. Ex 2, 10), que não admite idolatrias (cf. Ex 20, 5), pois elas não trazem a vida, mas a morte.

O povo encontra Deus que o acompanha, é a experiência de um Deus com o povo e defensor de seus direitos. Em continuidade, o Novo Testamento apresenta Jesus em chave libertadora de toda opressão, e mais, com sua chegada a pessoa recebe o dom da vida eterna. A ressurreição é o ponto de partida e a luz deste caminho. Das diferentes aparições do Ressuscitado a conclusão é uníssona: Deus o Ressuscitou, ele não está entre os mortos (cf. Lc 24, 5; At 2, 24).

A partir de Jesus surge um elemento novo, a novidade perene: Deus não só acompanha, mas se faz um como seu povo pela Encarnação do Filho.

A libertação está intrínseca a todo agir de Jesus. É marca de Deus, que em Jesus, ele imprime na vida de cada pessoa. Libertar é dar a vida em toda sua inteireza. Expressa uma vida nova, um novo comportamento, ao mesmo tempo exige deixar o passado, sem olhar pra trás. Libertação que não implica em mudança real, concreta e corporal das pessoas é uma pseudo-libertação.

Jesus anuncia a libertação da vida em seus gestos, ações e palavras. Salvar a vida é mais importante que a lei, pois Deus não é um Deus de mortos e sim de vivos. (cf. Mc 12, 27). Ele perdoa o pecado, cura o mal físico devolvendo a vida, pois não tolera situações de não vida. “Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar pecados... disse então ao paraplético: Levanta-te, toma tua cama e vai para casa.” (Mt 9,6). Ele acolhe, ama, perdoa, liberta, impulsiona as pessoas à vida e vida solidária. “Pois aquele que quiser salvar a sua vida vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, esse a salvará” (Lc 9, 24). Libertar os pobres de sua miséria real; cura da doença física e promove sua inserção na sociedade. Não é portador de uma libertação, meramente, espiritualista. Situando-se entre os marginalizados, desmascara todos os responsáveis por aquela situação de morte que os faz agonizar e retardar a chegada do Reino. “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós mesmos não entraís, nem deixais entrar os que querem fazê-lo” (Mt 23, 13-14). E os outros se sentiam muito próximos, “aconteceu que estando ele

à mesa na casa, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa com Jesus e seus discípulos” (Mt 9, 10).

Jesus, ao aproximar-se dos marginalizados pela sociedade e das vítimas da exclusão e do desprezo, faz com que se sintam e vivam uma experiência de libertação e uma partilha junto à mesma mesa. Jesus deixa claro que seu Reino não se faz como aquele que aumentou seus celeiros ao invés de repartir (cf. Lc 12,18). O Reino de Deus é mesa farta e convite desinteressado, é ir à procura do marginalizado e dar tempo para curar os feridos. A atitude de Jesus de sentar-se à mesa, tomar refeições com os marginalizados da sociedade revela a proximidade e bondade de Deus. Ele convida, senta ao lado, come com seus convivas, libertando a todos da fome material e da fome de vida com dignidade. A nova criação a partir das refeições revela o desejo de “Jesus em afirmar o triunfo final de todos os gestos humanos da nova criação que está chegando nos sinais do reino de Deus sobre os gestos da destruição e da morte”³⁰⁹. A mesa hoje continua sendo o lugar por excelência onde Jesus continua a servir e partir o pão do alimento. Ela antecipa o que será o Reino em definitivo. A prática de Jesus se manifesta na comunhão com os pobres, na lógica do serviço e da igualdade, na lógica da liberdade e do amor, em total gratuidade; portanto é uma lógica que contrasta profundamente e radicalmente com a lógica da prática contemporânea e ao mesmo tempo introduz, nos diversos campos em que se decide a história humana, códigos éticos novos em contraposição aos vigentes. Trata-se de construir um mundo em que todos, sem exceção, possam viver uma vida plenamente humana, livre de servidões que lhe vêm construídas por mãos humanas; um mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã e em que o pobre Lázaro possa sentar-se à mesa do rico.

Na sociedade contemporânea, presenciamos a globalização como fator originante de mudanças na relação do ser humano com o mundo. O acesso à Internet e à mobilidade social promovem um sistema econômico que ameaça a vida humana ao estabelecer que todos são ao mesmo tempo, atores, sujeitos e objetos. Todos são iguais, ou seja, todos são consumidores ativos³¹⁰. Outro fator de alteração está na abundância virtual e, paradoxalmente, na ausência

³⁰⁹ BOFF, Lina. *A dimensão escatológica da eucaristia*. In: *Atualidade Teológica*, 16, (2004), p. 164.

³¹⁰ *Maitriser la mondialisation*. In: *Document de la Commission Justice et Paix-France*. L'Église en France. La document catholique. 4 avril 1999. N°. 2001.

mútua de uns com os outros. Há um estatuto imperante de consumo, onde não se procura uma análise, uma reflexão. Nesta sociedade pode se questionar: os seres humanos devem organizar sua vida em função da sobrevivência ou em função do sentido que dão à sua vida? Os interesses das pessoas mudam, caem os princípios de solidariedade, a luta pela existência é compreendida como luta pelo poder, pelo ter: mais, melhor, mais rápido e freqüente. A identidade da pessoa é descrita pelo que ela come, veste e pelos bens materiais. Surge, assim, uma nova vertente de pobreza: a pobreza como relação entre as pessoas. A boa nova se torna: agradando a si mesmo que se agrada a outros, parafraseando e invertendo a Boa Nova de Jesus Cristo, na célebre frase de Francisco de Assis: é dando que se recebe³¹¹.

Para Boff, é neste mundo dividido e sedento de vida que surge a figura de Jesus, homem livre de preconceitos, integrado em todas suas relações, atento aos mais abandonados, “Reino de Deus significa a realização de uma utopia do coração humano de total libertação da realidade humana e cósmica”³¹². Reino de Deus que aponta para a vida torna-se paradigma para a salvação humana universal, que possibilitado pelo Espírito de Deus, precisa do esforço das pessoas, mas cuja consumação é ato exclusivamente de Deus.

O anúncio do Reino de Deus exigiu de Jesus muita criatividade e por ele entregou a vida. O método que utilizou para realizar seu projeto consistia em escutar a realidade e escutar a Deus, ou seja, escutar Deus que fala através da realidade. No dizer de Boff, Cristo

continua a esperar o crescimento de seu Reino entre os homens, porque seu Reino não começa a existir para além da morte, mas se inicia já neste mundo sempre que se instalar mais justiça, vigorar mais amor e se abrir um horizonte novo na captação da palavra e da revelação de Deus dentro da vida³¹³.

O que chamamos aqui de imagem de Deus na ótica da Teologia da Libertação, está compreendido na linha da experiência que nos é possibilitada pela presença do Deus conosco. A experiência de Deus que em Jesus, assumiu a fragilidade humana, é elemento essencial na vida e para a vida do ser humano, pois somente pela história da Encarnação temos acesso a Deus. A divindade é revelada na humanidade de Jesus. Em Jesus experimentamos Deus

³¹¹ Cf. BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*, pp. 51-67.

³¹² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 76.

³¹³ *Ibid.*, pp. 284-285.

extremamente humano e profundamente solidário com cada pessoa. Daí as nomeações de Deus como Pai-e-Mãe, Deus dos pobres, Deus da vida e tantos outros nomes significativos que podemos dar.

Em suma, em Jesus temos um rosto humano de Deus, uma experiência acessível e entregue, comunicada a nós. Mas, o cerne desta experiência é, humanamente, inacessível e impenetrável. Deus é maior que toda experiência mais profunda e verdadeira que seja, porém esta é a forma d’Ele estar em comunicação com todos os homens e mulheres.

4.4. Conclusão do capítulo

A Sagrada Escritura, em muitas ocasiões, declara que Cristo é o libertador e que a verdadeira liberdade só se encontra nele. Ao ler o profeta Isaías, por meio do qual Iahweh enviou a mensagem de consolação (cf. Is. 61,1-9), Jesus na Sinagoga de Nazaré aplica a si mesmo as palavras da profecia: “Hoje se cumpriu esta escritura diante de vós” (Lc. 4,16). Na sinagoga e em sua palavra-ação Jesus revela ser o único e verdadeiro libertador. Nele o amor humano não é possessivo, nem se deixa possuir, ele é a verdadeira liberdade, porque é verdadeiramente livre.

A consistência do agir de Jesus se fundamenta na experiência da bondade de Deus que o liberta e o faz livre. O Pai, para Jesus, é a bondade desmedida, que dá sentido à existência. A relação com o Pai é tão íntima que pode dizer: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9).

A partir da leitura cristológica de Leonardo Boff construímos como que três janelas: a vida libertada em Cristo que é o bem da vida, a plenitude desta libertação assegurada pela ressurreição e, por fim, as imagens de Deus descritas pela Teologia da Libertação a partir da experiência do Povo na América Latina. Constatamos que a proximidade do Deus do Reino “não vem de fora, nem se dá somente em situações privilegiadas da vida, mas está sempre presente na trama de toda a existência. Emerge, torna-se advento e evento”³¹⁴.

³¹⁴ BOFF, Leonardo. *Experimental Deus*, p. 103.

Aprendemos da teologia de Boff que a vida eterna já começa no aqui e agora, no tempo e na história, na trama da vida real e das estruturas sociais injustas. A mensagem sobre o Reino anunciado e vivido por Jesus é acontecimento na história da pessoa, do mundo e do cosmos. Isto nos mostra a abrangência do pensamento de nosso autor que permite, sem perder seu foco, contemplar outras dimensões e áreas, e em todas encontrar o Deus da vida. E alcança o objetivo de aproximar o mistério de Deus a partir de Jesus de Nazaré, interpretando-o para hoje.

Verificamos na experiência do Cristo Jesus no povo latino-americano a proximidade benevolente de Deus, que não é Criador separado de sua obra, nem o relojoeiro que pôs em marcha a criação e aguarda o seu termo. Acima de tudo, trata-se de um Deus pessoal e comunitário, que se manifesta com a encarnação, assume o sofrimento humano, é solidário, e ressuscitado para a vida eterna, cria comunidade. “A nova família que nasce da Páscoa tem como sua casa o reino de Deus; como filhos e filhas a esperança; e, como riqueza e herança, as alegrias do paraíso”³¹⁵. Tal experiência, que nada tem de provisório ou dominação, não é um mero produto da interpretação humana, criação de um sagrado pelo ser humano, mas acontece por iniciativa do próprio Deus, libertador.

A fé em Jesus anuncia Cristo crucificado e ressuscitado, experimenta que ele é homem e Deus. Ele é o Deus - conosco.

A encarnação de Deus não significa apenas que Deus se fez homem. Ele participou realmente de nossa condição humana e assumiu nossos anseios mais profundos. Utilizou nossa linguagem marcada fortemente de conteúdos ideológicos, como era a idéia do Reino de Deus. Tentou esvaziá-la e dar-lhe um novo sentido de total libertação e absoluta esperança³¹⁶.

Pela encarnação nos é revelado o rosto visível do Deus invisível. Mas só a totalidade da vida de Jesus é que nos revela a plenitude humana.

Um olhar de fé, um olhar iluminado pelo Dom do Deus que está em nosso meio e faz morada em nossa história, particularmente, sobre a realidade latino-americana, inspira a uma entrega total à tarefa de conhecer Cristo pelo

³¹⁵ Cf. BOFF, Lina; REZENDE DE MORAES, Eva Aparecida. *A concepção de vida em Gregório de Nissa. Ensaio de aproximações com as ciências da vida*. In: *Atualidade Teológica*, 27 (2007), p. 325.

³¹⁶ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 75.

poder de sua Ressurreição e pela participação em seus sofrimentos (cf. Fl 3,10). É um desafio, um chamado a servir sem levar em conta o custo. Tudo vale em prol da vida do Reino. Viver a plenitude da vida é realizar o Reino, como vontade de Deus e vocação do ser humano. O Reino é experiência que aponta para a vida, e com Jesus o Reino é a própria vida em definitivo.